

QUINTAL URBANO

Em certa cidade, da qual não me lembro bem, é muito comum a chegada de homens com bagagens das mais variadas formas. Eles vêm de diversas regiões, de lugares exóticos, hostis, desérticos, lugares esquecidos. Mas esses homens sempre guardam na mala uma coleção de recordações dos locais de onde vieram. São coisas estranhas, pouco úteis, vasos de plantas, relógios de parede... objetos desinteressantes.

É por isso que essa cidade é especial, ninguém sabe mas todo mundo imagina que exista uma imensidão de coisas escondidas desses homens que vêm de fora trazendo suas inúteis recordações.

Os esconderijos são tão perfeitos que nem mesmo as pessoas proprietárias podem encontrar suas lembranças; tudo descansa num subsolo longe de investigação: é a origem dessa cidade que não se revela nunca. O que esses homens fizeram sempre foi enterrar suas memórias nesse solo.

Vieram de longe, de tão longe que nos caminhos esqueceram-se de alguns detalhes. Homens chegam sempre nessa cidade, munidos de malas com os utensílios mais inexplicáveis e imbecis ainda. Cavam o chão com força, esfolando a mão, e enterram o que tanto trabalho causou para carregar. Roupas mofadas, telefones, ursos de pelúcia, vão direto para um lixão subsidiado pela prefeitura.

Homens chegam de todos os cantos, contando as histórias mais absurdas que já se ouviu, de tão absurdas ninguém perde tempo para guardá-las. Existem tantas histórias e tão diferentes e com tão pouca afinidade com a nova cidade de homens

pioneiros que as histórias já não são mais contadas. Ninguém sabe mais qual era o sentido de contá-las, ou recontá-las, nem se lembram mesmo se contavam estórias nessa cidade. Nessa cidade chegam homens de toda parte do mundo e com malas cada vez maiores, pesadas, feias, grotescas e inúteis, são tão pesadas que rasgam a mão de quem as carrega, deixam um rastro de sangue pelo caminho. São malas surreais de homens esquisitos, taciturnos, abjetos com coisas repugnantes: livros, fotos de familiares, cartas de amor, bilhetes de loteria, coisas que sem nenhuma explicação são imediatamente levadas para um incinerador monitorado pelos próprios cidadãos antigos da cidade.

É uma cidade bela, pronta para receber as pessoas de braços abertos, todos são iguais independentemente da mala que carregam; basta ter força de vontade e esquecer coisas e bagagens inúteis. Essa cidade cresce e prospera, recebe gente

séria e competente que sabe bem de que o lugar de onde se vem não é importante.

O fluxo de homens que chegam na cidade aumenta a cada dia, dá a impressão de que são os mesmos cidadãos da cidade que sempre lá estiveram. É tanta gente que dá a sensação de que o mundo inteiro resolveu mudar-se para essa cidade para recomeçar a vida. Talvez seja o lema da cidade a causa para tanto furor: “Recomece sua vida na cidade nova”.

Há tantos homens e com tantas bagagens e memórias e utensílios e lembranças e idiomas e hábitos inúteis que não sobra tempo nem lugar para se jogar tudo isso fora. Alguns homens tristes se revoltam com isso tentando retornar para suas terras natais, destino improvável pois nunca se encontra o caminho de volta. Na ausência de sentido diante de tamanha amnésia outros se suicidam, escondem-se no próprio quintal urbano, enlouquecem, choram entregando seus desejos como pedras

coloridas de inestimável valor. Muitos restos se amontoam de uma tal maneira que criam verdadeiras cidades dentro da própria cidade. Muitos insatisfeitos se refugiam nesses guetos, mas nunca se ouviu falar deles, ou mesmo já foram esquecidos ou não existiram a não ser como meros boatos. Poucos se lembram de que a cidade está apenas interessada em criar condições mais apropriáveis para receber os novos homens que chegam. Os fracassados, mutilados, infelizes não participam da história gloriosa dessa cidade, são como parasitas. Mas a cidade é viva, e disso ninguém se esquece, mesmo aqueles que ignoram o local que habitam. A cidade é viva, não há como se esquecer disso. A cidade é viva.

Rodolfo Arruda

2001

